



Aveiro, 16 e 17 de Março de 2012



Universidade do Minho
Escola de Ciências



Presidente: Professor Luís Nuno Ferraz de Oliveira

Membros: Leonor Moniz Pereira, Luisa Santana Silva, António Filipe Macedo; José Luis Doria, António Baptista; Serafim Queirós; Diana Santos;

Tesoureiro: António Manuel Gonçalves Baptista

Edição: Comissão Organizadora do Congresso Português de Reabilitação Visual 2012 (CPRV2012);

Secretariado

Laboratório de Reabilitação Visual da Universidade do Minho | Professor António Filipe Macedo | Departamento de Física | Campus de Gualtar | 4710-057 | Braga PT

E-mail: a.macedo@ucl.ac.uk ; macedo@fisica.uminho.pt

Colaboradores: Diana Santos; Ana Carla Silva;

URL: <http://reabilitacaovisual.fisica.uminho.pt>

Tradução: António Baptista, Ana Carla Silva

Composição: António Filipe Macedo, Lígia Noia

Copyright © 2012 | Comissão Organizadora CPRV2012

COMISSÃO CIENTÍFICA

Professor Ferraz de Oliveira
Professora Leonor Moniz Pereira
Professor Miguel Castelo-Branco
Dra Luísa Santana Silva
Professor António Francisco Ambrósio
Dr. José Luis Dória
Professor António Filipe Macedo
Dr. Serafim Queirós
Professor António M. G. Baptista
Professora Cristina Espadinha

APOIOS



INSTITUIÇÕES PARTICIPANTES



MENSAGEM DO PRESIDENTE

Os olhos, nas suas múltiplas funções e capacidades, constituem, na espécie humana, o mecanismo mais excelente e privilegiado do cérebro para a avaliação do meio exterior.

Ver, o poder ver, o poder retirar das capacidades funcionais do “aparelho visual” por menor que seja o contributo do componente ocular, não tem discussão. Merece todo o nosso empenho, até aos limites indizíveis da “devoção cega”, do querer e da paixão científica e humana consoladora.

O que se progrediu nos campos tecnológicos e pedagógicos no tema da reabilitação de funções visuais reduzidas ou mesmo perdidas, desde os tempos pioneiros de esplendor criativo do nosso inesquecível Engenheiro Técnico Jaime Magalhães Filipe, é um mundo de deslumbramento.

Permitir ao cérebro humano através dos mais diversos meios elaborar sobre o mundo exterior e interior, fornecendo-lhe algo de semelhante ao que o sistema visual lhe proporciona em condições normais, é um desafio para todo o investigador cientista, técnico ou pedagogo que saiba e goste de transpor obstáculos.

É para tentar responder a esse desafio que aqui nos encontramos junto ao grandioso Farol orientador da Barra de Aveiro.

Não viremos as costas ao chamamento.

Professor Doutor Ferraz de Oliveira

Titulo: Determinação de parâmetros críticos de impressão da informação escrita para crianças com baixa visão

Autores: Luisa Santana Silva; Antonio Filipe Macedo;

Nota biográfica: Ver informação sobre os autores nas comunicações OC1/OC2

Email: Ver informação sobre os autores nas comunicações OC1/OC2

Palavras-chave: Leitura; Tamanho crítico de impressão; Escalas de visão

[*] CURSO, 16/Mar, 10:00 - 13:00

Resumo

A impressão ampliada é a forma mais prática e barata de disponibilizar informação a pessoas com baixa visão. Quando correctamente utilizada é também, provavelmente, a forma mais eficiente de disponibilizar a informação ao aluno com baixa visão. O objetivo deste curso é familiarizar os participantes com os conceitos fundamentais do fenómeno visual: dimensões da visão, do olho ao cérebro, visão normal e acuidade visual. Serão brevemente abordadas as temáticas da avaliação da visão, conceito de unidade M, importância do contraste e do “crowding”. Serão seguidamente apresentados alguns testes que permitem de forma rápida a determinação dos parâmetros críticos de impressão para crianças com baixa visão. Serão estudados alguns testes desenhados por Lea Hyvärinen e por Gordon Legge. Espera-se que no final deste curso os participantes sejam capazes de: entender os princípios dos testes utilizados, possuam capacidade para utilizar os testes e sejam capazes de extrair informação útil para cada caso de baixa visão

Titulo: Ampliação óptica e não óptica na ajuda à baixa visão

Autores: Antonio Filipe Macedo;

Nota biográfica: Licenciado em Física Aplicada – Optometria, pela UBI em 1999, trabalhei como Optometrista até 2003 para depois me dedicar à docência na Universidade do Minho. A dedicação à reabilitação visual surge pelo desafio das minhas amigas Ivone Pina e Alice Portugal na ARP. No percurso académico inclui-se o mestrado em Eng. Biomédica em 2005 na Faculdade de Eng. da UPorto e doutoramento no University College London/Institute of Ophthalmology em 2011. Toda a minha investigação tem sido na área das ciências da visão directamente ligadas à reabilitação visual. Pode consultar as minhas publicações em <http://online.uminho.pt/pessoas/amacedo/publications.html>

Email: macedo@fisica.uminho.pt

Palavras-chave: Ótica; Ampliação;

[OC1] TP1: ÓPTICA E AMPLIAÇÃO, 16/Mar, 14:30 - 15:00

Resumo

O aumento da imagem retiniana com recurso a diferentes formas de ampliação permite compensar as perdas de resolução visual nos casos de baixa visão ligeira e moderada. O objetivo desta palestra é fazer uma revisão das principais técnicas de ampliação e as suas particularidades. Serão definidos os conceitos de ampliação de tamanho relativo, de distância relativa, ampliação eletrónica e ampliação ótica. Serão debatidas as vantagens e desvantagens de cada uma destas. Será dada especial atenção às ajudas óticas realçando também a importância de uma boa compensação refrativa para o sucesso da utilização das ajudas. Apresentarei uma síntese do tipo de utilização que deve ser dada a cada tipo de ajuda e quando não se deve insistir nas ajudas óticas. Espera-se que no final desta palestra a audiência seja capaz de decidir a melhor utilização para cada tipo de ampliação e seja capaz de detetar quando o seu uso não está a aumentar o desempenho visual dos indivíduos.

Titulo: Reabilitação visual no idoso

Autores: Luísa Santana Silva;

Nota biográfica: Médica oftalmologista, assistente graduada senior. Mestre em Reabilitação na Especialidade de Deficiência Visual. Integra o Centro Interdisciplinar de Estudos da Performance Humana na Faculdade de Motricidade, da Universidade Técnica de Lisboa.

Email: Impss@hotmail.com

Palavras-chave: Idosos; Envelhecimento;

[OC2] TP2: REABILITAÇÃO VISUAL NO IDOSO, 16/Mar, 15:30 - 17:00

Resumo

Nesta mesa será abordada a problemática da deficiência visual neste grupo etário, os problemas e desafios que se colocam à reabilitação visual em Portugal, em 2012 e a importância do desenho universal. Será feito um breve enquadramento sócio-demográfico do envelhecimento em Portugal e abordadas as patologias mais frequentes, responsáveis pela deficiência visual no idoso, assim como a importância da avaliação da qualidade de vida e alguns modelos de intervenção

Titulo: Reabilitação visual em idosos – qualidade de vida, visão funcional, percepção das limitações

Autores: Keila Monteiro de Carvalho; Gelse Beatriz Monteiro; Edmea Temporini;

Nota biográfica: Possui graduação em Medicina pela Universidade de São Paulo (1974) e Doutorado em Cirurgia pela Universidade Estadual de Campinas (1993). Atualmente é Professora Associada (MS-5) em Regime de Turno Completo (RTC) na Disciplina de Oftalmologia do Departamento de Oftalmo/Otorrinolaringologia da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas. Tem experiência na área de Medicina, com ênfase em Cirurgia Oftalmológica, atuando na área acadêmica nas seguintes linhas de pesquisas: cirurgia estrabológica, ambliopia e visão binocular, baixa visão, qualidade de vida, auxílios ópticos, reabilitação visual e prevenção de deficiência visual, educação médica, educação a distância.

Email: keilammc@gmail.com

Palavras-chave: Qualidade-de-Vida; Visão Funcional;

[OC3] TP2: REABILITAÇÃO VISUAL NO IDOSO, 16/Mar, 15:30 - 17:00

Resumo

Objetivo: determinar as causas da baixa visão e verificar a satisfação dos idosos com as ajudas ópticas prescritas no serviço de baixa visão da universidade. Métodos: foi realizado um estudo transversal. Os idosos foram submetidos a reavaliação oftalmológica e responderam ao questionário qualidade de vida em baixa visão. A amostra foi composta por 86 idosos, com idades entre 50-90 anos, atendidos em 2001, 2002 e 2005. Resultados: em 44,2% dos casos ocorreu baixa visão severa. Em 8,1% ocorreu visão no limiar da cegueira. A principal causa de perda de visão foi a degeneração macular relacionada com a idade. A maior parte da amostra (69,8%) era composta por indivíduos com baixa escolaridade e 15,1% eram analfabetos. O uso efectivo das ajudas ópticas ocorreu em 68,6% daqueles que receberam prescrições. As razões para a não prescrição foram, principalmente, o nível de educação baixo, a visão satisfatória para atividades de vida diária e doença ocular muito grave. Uma melhoria significativa em termos funcionais foi observado após a prescrição da ajuda óptica, principalmente na leitura de visão de perto para a escrita e trabalhos manuais. Foi observado um grau médio de dificuldade para executar todas as atividades diárias, para ver com sombras, ver as placas na rua, ver, em geral, e ver os passos e buracos no chão. A auto-avaliação dos benefícios no uso dos apoios ópticos evidenciou a satisfação parcial das exigências. Na percepção dos entrevistados, ocorreram mudanças nas actividades diárias motivadas pelo uso da ajuda óptica. Melhorias estatisticamente significativas na facilidade de leitura foram indicadas por parte dos indivíduos com idades entre 50-69 anos. A melhor melhoria nas actividades ocorreu em indivíduos acima dos 70 anos de idade. Conclusões: A principal causa de baixa visão foi a degeneração macular relacionada com a idade. Uma melhoria significativa em termos funcionais foi observada após a prescrição da ajuda óptica, sugerida pelo aumento no número de indivíduos com acuidade entre 0,8 M e 1,0 M. O uso diário da ajuda óptica predominou e resultou em leitura mais rápida e mais

longa. Foi mencionada a utilização da ajuda óptica para leitura, escrita e trabalho manual. Uma parcela significativa de indivíduos, com idades entre 50 e 69 anos, declarou que com a ajuda ótica a leitura tornava-se mais fácil. Sujeitos acima dos 70 anos de idade indicaram melhoria na realização de actividades. A maioria dos sujeitos considerou que valia a pena usar as ajudas ópticas, embora tivessem declarado a ajuda ter sido pequena ou razoável. Os entrevistados reconheceram mudanças nas suas vidas resultantes da utilização da ajuda ótica, tais como, rotinas diárias, de costura e bordados, leitura e escrita. A renovação da esperança foi outra delas

Titulo: Principais causas de deficiência visual

Autores: Maria Catarina Paiva;

Nota biográfica: Licenciada em Medicina pela Universidade de Coimbra e Especialista em Oftalmologia pelo Centro Hospitalar de Coimbra. Trabalha como Oftalmologista Pediátrica no Hospital Pediátrico de Coimbra desde 2005 e é responsável pela consulta de baixa visão do Hospital Pediátrico.

Email: mcatarinapaiva@gmail.com

Palavras-chave: Crianças; Adultos; Doenças oculares

[OC4] TP3: AVANÇOS BIOMÉDICOS, 16/Mar, 17:15 - 19:00

Resumo

Espera-se que os avanços científicos e tecnológicos alterem a forma de abordar as doenças oculares causadoras de deficiência visual. No entanto, no cenário atual ainda não é possível intervir em muitos casos e é por isso necessário assegurar que as pessoas com redução significativa da visão estão integradas numa sociedade conhecedora. Nesta apresentação pretende-se atualizar os profissionais das equipas multidisciplinares acerca das principais doenças oculares causadores de redução significativa de visão. Será dado especial ênfase às doenças de manifestação juvenil, mas serão também tocadas doenças muito comuns na atualidade como é o caso da retinopatia diabética e a degeneração macular associada à idade. Será feita uma breve apresentação dos principais componentes do sistema visual, desde o globo ocular até ao córtex. As doenças oculares serão apresentadas em linguagem simples com especial ênfase para o tipo de alterações visuais esperadas em cada uma delas, por exemplo, campo visual, acuidade visual, visão das cores, fotofobia. Serão realçados durante a apresentação aspetos específicos de cada doença que sejam relevantes para a planeamento da reabilitação como é o caso do prognóstico visual a longo prazo.

Titulo: A importancia de modelos animais e em vitro no desenvolvimento de novas terapias para tratar doenças retinianas degenerativas

Autores: António Francisco Ambrósio;

Nota biográfica: Licenciado em Bioquímica em 1994, recebeu o seu doutoramento em Biologia Celular em 2000 pela Universidade de Coimbra. Trabalhou no Centro para as Neurociências e Biologia Celular durante o seu doutoramento e como post-doc até 2002. Presentemente é Investigador Principal da Faculdade de Medicina de Coimbra, líder e coordenador científico do grupo de investigação em disfunções retinianas no IBILI.

Email: afambrosio@fmed.uc.pt

Palavras-chave: Retinopatia diabética; Glaucoma; Modelos animais; Modelos in-vitro

[OC5] TP3: AVANÇOS BIOMÉDICOS, 16/Mar, 17:15 - 19:00

Resumo

A retinopatia diabética e o glaucoma são as causas principais da perda de visão e cegueira em todo o mundo. Apesar de uma intensa pesquisa, particularmente nas últimas duas décadas, para melhor entender os mecanismos patogénicos de ambas as patologias e a introdução de novas terapias, estas patologias ainda não são curáveis, e os tratamentos disponíveis, principalmente para a retinopatia diabética, não são muito eficazes. Os modelos animais, em particular os transgénicos e knock-out, têm sido muito úteis para a compreensão dos mecanismos celulares e moleculares subjacentes a muitas patologias. Da mesma forma, as culturas celulares, que permitem controlar melhor o seu meio ambiente, também foram cruciais para entender a patogénese de muitas doenças. A retinopatia diabética é caracterizada por uma rotura precoce da barreira hemato-retiniana. Existem cada vez mais evidências que a inflamação tem um papel chave na patogénese da retinopatia diabética, e também do glaucoma. Usando um animal knock-out para o induzir com óxido nítrico sintase (iNOS), uma enzima responsável pela produção de quantidades elevadas de óxido nítrico, um mediador pró-inflamatória, foi por nós demonstrado que iNOS tem um papel crucial na ruptura da barreira hemato-retiniana e leucostase em vasos da retina de animais diabéticos. O óxido nítrico produzido por esta enzima afecta a organização das proteínas de junção apertadas e da expressão de moléculas de adesão celular. Em monocamadas de células endoteliais da retina, utilizadas como modelo in vitro da barreira hemato-retiniana, verificou-se que a proteína quinase C zeta isoforma, e não a proteína quinase C beta isoforma, que tem sido considerada como tendo um papel importante na patogénese da retinopatia diabética, está envolvida na desorganização de proteínas de tight-junction quando as células são expostas a fator de necrose tumoral alfa (TNF-alfa), uma citocina pró-inflamatória, onde tem sido demonstrado ter níveis elevados no vítreo de pacientes diabéticos e na retina de modelos animais diabéticos. O aumento da pressão intra-ocular (PIO) é o principal fator de risco para o desenvolvimento de glaucoma. Apesar do tratamento com drogas que diminuem a PIO, a degeneração de células ganglionares é um processo contínuo, e

os tratamentos neuroprotectores que visam resgatar as células ganglionares foram reivindicados como terapias alternativas. Os nossos dados recentes demonstram que neuropéptido Y (NPY) e seus receptores são expressos em células ganglionares e que os agonistas de NPY e NPY podem exercer potentes efeitos neuroprotectores contra a morte de células ganglionares, exercendo também efeitos anti-inflamatórios. Estas duas propriedades apontam os receptores NPY como potenciais fármacos para o tratamento de doenças degenerativas da retina. Em conclusão, modelos animais e in vitro são ferramentas valiosas para dar pistas sobre a patogénese das doenças degenerativas da retina e poderão ser úteis para identificar potenciais novos fármacos para o tratamento destas doenças. Apoio: FCT (Grants POCTI/CBO/38545/01 e PTDC/SAU-NEU/99075/2008; Pest-C/SAU/UI3282/2011)

Titulo: Novas tendências em investigação translacional nas neurociências da visão: implicação para as abordagens reabilitativas

Autores: Miguel Castelo-Branco;

Nota biográfica: Director do IBILI e Presidente da Rede Nacional de Imagiologia Funcional Cerebral (RNIFC). Obteve o seu doutoramento em Medicina 1999 no Max-Planck Institute for Brain Research, Frankfurt, Germany. É professor de Ciências da Visão, Biomatemática e Investigação Biomédica (Neurociências Cognitivas) na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra.

Email: mcbranco@ibili.uc.pt

Palavras-chave: Visão; Cortex; Investigação translacional

[OC6] TP3: AVANÇOS BIOMÉDICOS, 16/Mar, 17:15 - 19:00

Resumo

A investigação de que vou aqui falar envolve fazer a ligação entre engenharia e os estudos na cognição visual na saúde e na doença. Irei discutir o uso da classificação estatística na descoberta de marcadores multivariados nas doenças da retina e do cérebro, aplicações clínicas de interfaces cérebro-computador e outras abordagens na reabilitação. No final discutirei a importância de bases de dados biomédicas e estudos longitudinais no córtex visual durante o desenvolvimento e no envelhecimento do sistema visual.

Titulo: Arquitectura e Visão. Requisitos Multi-sensoriais para um Uso Universal no Espaço Construído.

Autores: Carlos Mourão Pereira;

Nota biográfica: Em 1997, graduou-se em Arquitectura com o Prémio Comendador Matias na FA-UTL. Colaborou em ateliers em Portugal, Suíça e Itália, nomeadamente com Renzo Piano, Prémio Pritzker. Foi docente no IST (2003-2008), onde desenvolve Doutoramento. Os seus projectos têm merecido divulgação internacional. Em 2006 ficou cego, sem interrupção da sua actividade.

Email: carlosmouraopereira@gmail.com

Palavras-chave: Arquitectura; Affordance; Baixa Visão; Cegueira; Projecto Universal; Sentidos;

[OC7] TP4: ARQUITECTURA E ACESSIBILIDADE, 16/Mar, 19:00 - 20:00

Resumo

Objetivo: Abordar dois conceitos introduzidos na segunda metade do Século XX, designadamente Affordance e Projecto Universal, enquadrados numa investigação empírica em curso. Igualmente, apresentam-se resultados preliminares considerando requisitos preventivos universais resultantes da correlação evolutiva dos conceitos mencionados.

A Arquitectura é uma acção transformadora do espaço e a sua prática tem por objectivo resolver um problema concreto, ou propor a sua solução no pressuposto de tornar o espaço construído praticável, i.e. permitindo a realização da função social que é objectivo do mesmo. Como instrumento de resolução de problemas concretos do espaço construído, é objectivo da arquitectura intervencionar o espaço adaptando-o ao contexto geográfico, sócio-cultural e temporal e às solicitações e expectativas de quem o utiliza, reduzindo riscos e desconfortos. Tal significa oferecer condições de acessibilidade, de utilização e de compreensão da envolvente construída que permitam a sua utilização e prática de actividades diversas (económicas, sociais, culturais e de lazer) em segurança. Este artigo propõem uma reflexão sobre as condições espaço-funcionais da cidade actual, tendo em consideração a qualidade de vida de todas as pessoas sem excluir aquelas com deficiência, de modo a garantir a sua inclusividade, entendida esta como condição fundamental para a cidadania e como factor de dinamização da economia e de sustentabilidade da sociedade contemporânea. Considera-se pertinente apresentar dois conceitos que foram introduzidos na segunda metade do Século XX, designadamente Affordance e Projecto Universal. O conceito de Affordance, introduzido por James Gibson na década de 1970, centra-se na diversidade de informações e percepções que o espaço, natural ou construído, transmite e induz no comportamento humano, e. g. uma guarda de varanda constituída por barras horizontais pode transmitir segurança a alguns adultos, contudo para uma criança de 4 anos de idade esta componente espacial pode não ser percebida como protecção física, mas sim como peça de carácter lúdico permitindo escalada e a eventualidade da exposição a riscos. Consequentemente, os arquitectos deverão conceber espaços preventivos considerando a diversidade da utilização que pode induzir o espaço construído. Na

década de 1980, Ronald Mace, fundador do Center for Universal Design, introduz o conceito de Projecto Universal que consiste na concepção de espaços e produtos enquadrando premissas estéticas e funcionais capazes de enquadrar a diversidade humana de utilizadores da forma mais alargada possível, independentemente da idade, capacidade ou estatuto. No conceito de Affordance o estado-da-arte encontra-se centrado na percepção visual. É importante considerar requisitos equitativos definidos pelo conceito de Projecto Universal, referentes a percepções multi-sensoriais capazes de enquadrar as condições de baixa visão e cegueira. Igualmente, no estado-da-arte do conceito de Projecto Universal é igualmente escassa e recente a bibliografia que enquadra os requisitos dos três tipos de utilizadores que englobam a diversidade humana: normovisuais, com baixa visão e cegos. Através de uma análise de natureza empírica, baseada em entrevistas e walkthroughs a utilizadores normovisuais, com baixa visão e cegos, foi possível não só aferir a pertinência dos dois conceitos como verificar que o conceito de Affordance pode ser desenvolvido de forma multi-sensorial, correlacionando-o com o conceito de Projecto Universal. Observa-se que ao nível da percepção sensorial um utilizador normovisual percebe o espaço através de cerca de 80% de informação de indução visual, sendo os restantes 20% relacionados com os outros sentidos.

Titulo: Reabilitação visual na criança

Autores: Leonor Moniz Pereira;

Nota biográfica: Prof. Catedrática da FMH Coordenadora do curso de mestrado em reabilitação na especialidade de deficiência visual, e da especialidade de reabilitação do doutoramento em Motricidade Humana linha de investigação Reabilitação Participação Social e Qualidade de Vida e Reabilitação centrada nos sistemas sensoriais

Email: Impereira@fmh.utl.pt

Palavras-chave: Inclusão; Sistema de apoio; Deficiência visual

[OC8] TP5: REABILITAÇÃO VISUAL NA CRIANÇA, 17/Mar, 9:00 - 12:30

Resumo

Objectivo: Contribuir para a identificação de indicadores de avaliação da qualidade do sistema de apoio.

A inclusão/ integração das pessoas com deficiência em geral e em particular das pessoas com deficiência visual implica uma mudança de paradigma de observação e de atuação por parte das equipas multidisciplinares implicadas no processo de reabilitação e de integração social. O centro do problema passou a ser a redução do fosso entre as capacidades individuais e as exigências das tarefas a desempenhar nas diferentes áreas de vida (OMS2001) e não apenas o desenvolvimento máximo das suas capacidades como um fim em si mesmo. Assim no que respeita ao ensino o acesso para além do sucesso académico passou a ser uma questão dominante sendo necessário repensar o sistema de ensino de forma a poder responder em igualdade de oportunidades às necessidades específicas deste grupo de alunos. Nesta

comunicação serão abordados as seguintes questões: Como estabelecer modelos cooperativos e multidisciplinares de avaliação e de apoio entre os diversos intervenientes no processo? Que papel para os pais e para os profissionais? A tomada de decisão sobre o meio de leitura. Alguns exemplos de avaliação de suporte à tomada de decisão.

Titulo: Deficiência visual e intervenção precoce

Autores: Viviana Ferreira;

Nota biográfica: Coordenadora do Centro de Apoio à Intervenção Precoce na Deficiência Visual, (CAIPdv), desenvolve trabalho nas áreas de Supervisão e Suporte a Técnicos e Famílias com Crianças com Deficiência Visual, Formação, Investigação e pesquisa, Promoção da articulação Famílias e Técnicos, Articulação com serviços da comunidade.

Email: 7.viviana@gmail.com

Palavras-chave: Deficiência visual; Intervenção precoce;

[OC9] TP5: REABILITAÇÃO VISUAL NA CRIANÇA, 17/Mar, 9:00 - 12:30

Resumo

Objectivo: Salientar o impacto que a deficiência visual tem nos primeiros anos de vida e qual o papel do CAIPDV neste contexto.

Sendo a visão um sentido privilegiado para a compreensão do mundo e para a adaptação da criança aos diversos contextos em que se insere, as dificuldades ao nível da visão poderão significar um condicionamento no seu desenvolvimento. “Através da visão as crianças desenvolvem-se e aprendem naturalmente, sem que tenham que ser ensinadas, unicamente pelo facto de observarem, explorarem e interagirem com o mundo que as rodeia. No caso das crianças cegas ou com graves limitações visuais, a informação visual é inexistente ou recebida de forma fragmentada e distorcida, o que limita a interacção com o ambiente e a extensão e variedade das experiências, comprometendo as aprendizagens acidentais e originando atrasos no desenvolvimento motor, cognitivo e social” (Mendonça, Miguel, Neves, Micaelo & Reino, 2008, p. 16). .A maior parte dos aspectos do desenvolvimento na primeira infância estão em risco nas crianças que nascem com DV e atrasos graves de desenvolvimento também podem pôr em causa o desenvolvimento visual. Neste seguimento, a Intervenção Precoce (IP) assume um papel crucial no desenvolvimento das crianças com Deficiência Visual (DV), actuando ao nível da prevenção secundária (evitar o aparecimento de problemas secundários), e prevenção terciária, numa perspectiva reabilitativa e educativa (potenciar os resíduos visuais) (Bailey & Wolery, 1992). A criança com Deficiência Visual (DV) necessita de apoio não apenas para a minimização das suas dificuldades, mas também porque a família e outros contextos (nomeadamente o contexto educativo) precisam de ajuda para compreenderem as especificidades de desenvolvimento e aprendizagens decorrentes das limitações visuais. Oftalmologistas e optometristas estão de acordo em que a visão residual deve ser explorada de modo a atingir a sua máxima potencialidade. Quanto mais a criança olhar e usar a visão, mais eficientemente será capaz de funcionar visualmente. Sendo encorajada a olhar ela vai

percebendo que consegue ver. Se a luz consegue entrar no olho e estimular algumas células da retina, a mensagem visual pode ser enviada ao cérebro. Para isso a detecção precoce constitui um factor decisivo para que sejam tomadas providências urgentes: quanto mais tarde o problema visual for percebido, maiores serão as dificuldades para a criança (Ladeira & Queirós, 2002). Neste contexto, surge, em 2001, o Centro de Apoio à Intervenção Precoce na Deficiência Visual, uma estrutura especializada da ANIP. O CAIPDV tem como objectivo geral promover e qualificar a intervenção precoce na deficiência visual, procurando fomentar um modelo integrado de apoio à Intervenção Precoce na Deficiência Visual, que respeite o modelo de Intervenção Precoce vigente com a particularidade do apoio a situações específicas de deficiência de baixa incidência. O CAIPDV apoia crianças com DV, associada ou não a outras deficiências, em idades precoces (0 – 6 anos), respectivas famílias e técnicos responsáveis pelo apoio local, de forma mais sistemática.

Titulo: A influência do braille no processo de empoderamento e de ajustamento à perda de visão

Autores: Serafim Queirós;

Nota biográfica: Licenciado em Psicologia pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da UPorto, com Mestrado em Educação Especial na especialidade de reabilitação visual pela FMH-UTL, desenvolvendo funções no Gabinete de Acompanhamento à Educação Especial da DREN, lecionando regularmente nos cursos de especialização e de mestrado em educação especial no Instituto Superior de Ciências Sociais de Felgueiras, no Instituto Piaget, Campus Académico de VN Gaia e na Escola Superior de Educação Paula Frassinetti.

Email: serafim.queiros@dren.min-edu.pt

Palavras-chave: Empoderamento; Ajustamento; Literacia braille; Leitura em áudio; Sistema impresso

[OC10] TP5: REABILITAÇÃO VISUAL NA CRIANÇA, 17/Mar, 9:00 - 12:30

Resumo

Objectivo: Sensibilizar os participantes para a coexistência de dois meios de literacia como factores de reforço do empoderamento psicossocial das crianças e jovens com deficiência visual.

A criação de uma Rede de Escolas de Referência, de há muito sentida como um modelo estratégico para resolver o problema das sucessivas gerações de estudantes iliteratos, assumindo a legítima preocupação de transformar a “leitura de ouvido” numa “leitura verdadeiramente lida”, e capaz de proporcionar aos alunos com baixa visão a necessária ergonomização do currículo para fazer face às necessidades especiais de educação, decorrentes das suas graves limitações na função sensorial da visão, constitui, inegavelmente, um avanço significativo na qualificação das respostas educativas para este grupo de alunos. A perpetuação do modelo centrado no princípio da proximidade física, a coberto da inquestionável

generosidade humanística que lhe deu origem, acabou, por condenar sucessivas gerações à condição de completa iliteracia, em face da exiguidade de recursos materiais e humanos, bem como a dispersão geográfica das Escolas e o isolamento em que se encontravam alunos e docentes. A literacia Braille, enquanto equivalente viável do sistema impresso, representa, para os alunos cegos, a alavanca fundamental de sustentabilidade das aprendizagens e consolidação do processo de auto-representação, constituindo, igualmente um factor de empoderamento e de ajustamento psicológico à situação de perda de visão. O facto de o braille poder ser lido pelos olhos à medida que se procede ao refinamento da percepção táctil, faz com que este sistema não se constitua com elemento de estigmatização e um factor de desinvestimento narcísico quando comparado com o que ocorre com a aprendizagem de orientação e mobilidade, em que o uso da bengala, não raramente, é assumido como um símbolo antecipatório da perda completa de visão. A falta de Docentes com formação especializada na área da deficiência visual e o inevitável desconhecimento sobre a priorização das áreas curriculares específicas para os alunos cegos, levou a que muitos Docentes se ancorassem no “áudio” como interface das aprendizagens, relegando, para plano secundário, o uso do Braille, ou substituindo-o por completo. A coabitação do braille com o impresso pode, assim, impedir que se estabeleça um vazio na comunicação da pessoa consigo própria e com os outros, o que reforça o sentimento de se ser competente para o processo de aprendizagem independentemente da idade em que ocorra a perda de visão. A imersão sistemática na “leitura em áudio”, tem, necessariamente, como resultado, a acumulação de lacunas cognitivas, por mais talentosos que sejam os alunos, porque ninguém consolida conhecimento na ausência da interacção dinâmica entre o leitor, a mensagem do autor e o modo como o material de texto é apresentado, que tem necessariamente que estar sempre presente na ponta dos dedos para, como acontece no impresso, estar sempre disponível para ser lido. De facto, se é na vida que se encontra a sabedoria, só no “livro lido” se pode encontrar o verdadeiro conhecimento.

Titulo: Psicologia Positiva e Reabilitação

Autores: Diana Brandão;

Nota biográfica: Licenciatura em Psicologia, área de Pré-Especialização em Psicologia e Saúde, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. Estágio Curricular Centro de Reabilitação de Paralisia Cerebral do Porto. Recém doutorada em Psicologia e Saúde pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto com o tema: O Bem-Estar Psicológico em Indivíduos com Paralisia Cerebral e seus Cuidadores: Contributos da Esperança, Auto-Eficácia e Suporte Social.

Email: brandao.diana@sapo.pt

Palavras-chave: Qualidade-de-Vida; Adultos;

[OC11] TP6: REABILITAÇÃO VISUAL NO ADULTO, 17/Mar, 14:00 - 15:45

Resumo

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (WHO, 2001), a saúde é um fenómeno multidimensional e multideterminado, que resulta do equilíbrio dinâmico entre fatores intrínsecos ao ser humano (biológicos, psicológicos, afetivos e comportamentais), e fatores extrínsecos, próprios do meio físico e relacional que o rodeia. Assim, saúde é, também, a capacidade dos indivíduos ou grupos desenvolverem recursos e potencialidades, para promoverem o seu bem-estar e qualidade de vida; efetuando escolhas, obtendo satisfação com a vida, orientando e alterando os seus ambientes (Martins, 2008). Esta definição multidimensional de saúde, em termos de bem-estar, altera explicitamente, a atenção dos critérios presentes nos modelos de “doença” para modelos de “saúde”. A psicologia começa, assim, a interessar-se pelo extremo positivo do espectro da saúde mental, passando a ser consensual que esta está para além da ausência de perturbações mentais, e inclui dimensões positivas como o bem-estar, a perceção de auto-eficácia, a autonomia, a competência, a autoatualização, entre outras (WHO, 2001). Consequentemente, nos últimos anos, tem havido uma crescente atenção dos aspetos positivos do funcionamento psicológico, dando origem à Psicologia Positiva (Novo, 2003). A Psicologia Positiva é, então, o estudo científico do Bem-Estar e Funcionamento Humano ótimos, pelo que não interessa apenas o alívio do sofrimento humano, mas também a compreensão e a promoção dos fatores positivos que permitem aos indivíduos, às comunidades e às sociedades desenvolver-se, prosperar e florescer (Seligman & Csikszentmihalyi, 2000). Uma premissa fundamental da psicologia positiva é a de que a prevenção da psicopatologia é mais eficaz quando os esforços são focados para a construção das forças dos indivíduos, em vez da remediação dos seus défices (Suldo & Huebner, 2004). Considera-se, portanto, que existem um conjunto de características positivas, que oferecem proteção contra o desenvolvimento de dificuldades psicológicas, e que podem fornecer a base para programas de promoção e prevenção eficazes. O estudo das experiências positivas, dos traços individuais positivos e dos aspetos que facilitam o seu desenvolvimento é, então, o grande foco da psicologia positiva, ultrapassando o objetivo da psicologia clínica de aliviar o sofrimento associados a uma condição de saúde (Duckworth, Steen & Seligman, 2005). Nesta comunicação serão apresentadas algumas estratégias de intervenção baseadas na Psicologia Positiva, aplicadas ao contexto da reabilitação

Titulo: Educação e Qualificação de Adultos: Encontros e Desencontros

Autores: Fátima Martinho;

Nota biográfica: Mestre em Psicologia Aplicada na área de especialização de Psicologia Clínica pelo Instituto Superior de Psicologia Aplicada; Formação em Língua Gestual Portuguesa, Braille e Tiflotecnologia; Ciclo de Estudos em Neuropsicologia Clínica do Adulto; Formadora Certificada pelo Conselho Científico-Pedagógico de Formação Contínua de Braga nas áreas da Psicologia/ Psicossociologia e Educação Especial; Atualmente exerce funções de assessora de Direção do Centro de Educação e Desenvolvimento António Aurélio da Costa Ferreira da Casa Pia de Lisboa; Coordenadora do Centro Novas Oportunidades da Casa Pia de Lisboa.

Email: fmartinho21@gmail.com

Palavras-chave: Aprendizagem ao longo da vida; Competências adquiridas; Participação social; Baixa-visão; Cegueira; Surdocegueira

[OC12] TP6: REABILITAÇÃO VISUAL NO ADULTO, 17/Mar, 14:00 - 15:45

Resumo

Objectivo: Caracterização dos adultos cegos e com baixa-visão do Centro Novas Oportunidades da Casa Pia de Lisboa.

O conceito de “aprendizagem ao longo da vida” é entendido como uma segunda oportunidade para os adultos desde que com a Declaração de Hamburgo, se passou a reconhecer as aprendizagens realizadas em contextos não formais e informais como válidas para o prosseguimento dos estudos ou de formação. Em 2007 a Casa Pia de Lisboa inaugura um Centro Novas Oportunidades (CNO) destinado a pessoas com deficiências sensoriais (adultos com surdocegueira, surdez e cegueira). O objectivo desta comunicação, é apresentar uma caracterização das pessoas com baixa-visão e cegueira que têm procurado este CNO, procurando numa lógica de Aprendizagem ao Longo da Vida evidenciar e certificar as competências adquiridas com vista à obtenção de um nível de qualificação superior. Realizou-se a caracterização por género, idade, nível de escolaridade inicial, situação face ao emprego, bem como a tipologia da deficiência e se congénita ou adquirida. Procedeu-se a uma análise de conteúdo às entrevistas de diagnóstico, assente nos seguintes pressupostos: motivação inicial para a procura deste serviço; motivo do abandono escolar; competências literárias prévias e expectativas face ao futuro. Analisou-se a importância do percurso no CNO e o impacto na vida familiar, social e profissional. Sucintamente, os resultados indicam que o abandono precoce da escolaridade decorreu devido vulnerabilidades do sistema educativo (nos casos de cegueira e baixa visão congénita); e devido ao início precoce da actividade profissional (no caso de cegueira e baixa visão adquirida). As pessoas cegas e com baixa visão, são no geral adultos conscientes da capitalização que um processo de reconhecimento de competências lhes confere, ajustando de modo equilibrado as expectativas. A importância do Braille no processo de alfabetização e a manutenção desta forma única de leitura e escrita, não é consensualmente reconhecida. O impacto no nível pessoal/familiar, social e profissional, traduz-se numa maior consciência dos saberes adquiridos, maior motivação para as diferentes fontes e formas de aprender e aumento da predisposição para a participação social. No geral verifica-se um reforço significativo ao nível da auto-estima e auto-conceito académico, muitas vezes inexistente, bem como maior pro-actividade na procura de emprego. O grande desafio centra-se pois, no como criar essas oportunidades de aprendizagem ao longo da vida tendo em conta que a sociedade do conhecimento promove o saber, devendo ser garantido o acesso universal e contínuo à aprendizagem, com vista à aquisição e renovação de competências necessárias ao aumento da participação das pessoas com deficiências (neste caso as pessoas cegas e com baixa visão), sob pena de por via da mesma sociedade do conhecimento com os riscos que acarreta, aliada às exigências que transporta, verem reforçadas as desigualdades e exclusão social.

Titulo: A aprendizagem da reabilitação de pessoas com deficiência visual através de "pildoras" formativas

Autores: Benito Codina;

Nota biográfica: Professor titular do departamento de didática e investigação educativas da universidade de La Laguna

Email: bcodina@ull.es

Palavras-chave: Serviços; Visão Funcional; Reabilitação

[CL1] TP2: REABILITAÇÃO VISUAL NO IDOSO, 16/Mar, 15:30

Resumo

As “pildoras” formativas são unidades pequenas de informação, totalmente independentes, que podem ser utilizadas de forma autónoma, sendo as mesmas um “minicurso”. Neste caso, estamos a falar de conteúdos de aprendizagem digital, que vão além de um recurso pedagógico dentro do contexto universitário e dos conteúdos curriculares. Nesta experiência tem-se aprofundado o valor não exclusivamente académico, mas também profissional do recurso de e-learning, que permite às pessoas que se iniciam no tema e aos profissionais da matéria, adquirir formação sobre a reabilitação das pessoas com deficiência visual. Conteúdos que pela sua especificidade são difíceis de aceder são todavia reduzidos a uma aprendizagem multimédia baseados em vídeos de curta duração (aproximadamente 10 minutos) que possibilitam não apenas o acesso à informação, mas também à visualização dos procedimentos que se descrevem. Estas películas formativas encontram-se armazenadas num repositório para consulta e utilização por parte de outras pessoas, em ULLmedia (<http://ullmedia.udv.ull.es/es/serial/32.html>). A série é composta atualmente por 15 vídeos ou “pildoras” formativas, que se ampliam mensalmente e que incidem em temas que vão deste o tratamento de pessoas com incapacidade visual, as suas técnicas de movimento, a reabilitação de baixa visão ou das ajudas óticas que podem utilizar para compensar a sua perda visual. Esta “pildoras” formativas também têm sido igualmente colocadas na internet usando a plataforma YouTube, com mais de 5 mil reproduções efetuadas até à data, provenientes de Espanha, Venezuela, França ou México.

Titulo: Avaliação e Intervenção em Problemas Visuais decorrentes de Doença Neurodegenerativa: Relato de um Caso

Autores: Jorge Alves; Rosana Magalhães; Mavilde Arantes; Sara Cruz; Óscar F. Gonçalves; Adriana Sampaio

Nota biográfica: Mestre em Psicologia Clínica pela Escola de Psicologia da Universidade do Minho. Doutorando no Laboratório de Neuropsicofisiologia da Escola de Psicologia da Universidade do Minho. Áreas principais de investigação: neuropsicologia, reabilitação neuropsicológica, memória, doença de Alzheimer.

Email: jorge.alves@psi.uminho.pt

Palavras-chave: Idosos; Psicologia;

[CL2] TP2: REABILITAÇÃO VISUAL NO IDOSO, 16/Mar, 15:30

Resumo

Apesar de algumas variantes da doença de Alzheimer se encontrarem já caracterizadas, o seu diagnóstico é frequentemente difícil e tardio, sendo os seus sintomas visuais muitas vezes confundidos com patologia ocular. De igual modo, a intervenção para minorar as dificuldades apresentadas por estes pacientes se configura como uma área em desenvolvimento. Neste trabalho apresentamos o caso de um paciente diagnosticado com uma variante da doença de Alzheimer. O paciente começou por ter dificuldades em conduzir e esquecimentos. Progrediu para dificuldades em orientar-se, alcançar objetos e integrar e compreender informação visual (ex: imagens). A avaliação efetuada permitiu caracterizar as dificuldades visuais e de memória como parte de um quadro de doença cerebral. Foi desenvolvido um plano de intervenção com o objetivo de retardar a progressão da doença, mantendo o paciente autónomo e atenuando as dificuldades visuais e de memória através de estratégias compensatórias e de treino. Foram observadas melhorias na capacidade de aprender e reter informação (sobretudo verbal), na memória e no humor. Este trabalho salienta a importância da conjugação do despiste de problemas oftalmológicos, da avaliação neuropsicológica e do exame neurológico de capacidades que envolvam a modalidade visual para a clarificação do diagnóstico em pacientes idosos e com suspeita de demência. A articulação entre profissionais da visão, neuropsicólogos e neurologistas apresenta-se como fundamental no diagnóstico e intervenção nas dificuldades visuais ligadas a doenças neurodegenerativas.

Titulo: Reabilitação em Idade Pediátrica

Autores: Maria Catarina Paiva; Teresa Mesquita; Ana Matos; Viviana Ferreira; Teresa castelo;

Nota biográfica: Licenciada em Medicina pela Universidade de Coimbra e Especialista em Oftalmologia pelo Centro Hospitalar de Coimbra. Trabalha como Oftalmologista Pediátrica no Hospital Pediátrico de Coimbra desde 2005 e é responsável pela consulta de baixa visão do Hospital Pediátrico.

Email: mcatarinapaiva@gmail.com

Palavras-chave: Crianças; Depressão;

[CL3] TP5: REABILITAÇÃO VISUAL NA CRIANÇA, 17/Mar, 9:00 - 12:30

Resumo

O objetivo primordial da reabilitação visual em doentes com baixa visão (BV) é promover o uso de forma efetiva da visão remanescente. Na faixa pediátrica a incapacidade de adquirir novas aquisições visuais conduz a uma falta de estímulos, levando o sistema visual a permanecer subdesenvolvido. É necessário instituir precocemente programas de promoção da eficiência visual para desenvolver a visão residual. Concomitantemente, as crianças com BV podem apresentar alterações do desenvolvimento, devido à incapacidade de tirar partido da visão como sentido que as ajuda a aprender o significado dos sons, a função dos objetos e a “organizar” o mundo. O desenvolvimento tem uma sequência distinta, sendo os comportamentos adquiridos por uma ordem própria. A BV afeta não o que a criança é capaz de aprender, mas a forma como vai aprender. Os autores abordam a organização da consulta de BV do Hospital Pediátrico de Coimbra, que tem uma constituição pioneira nesta área. É uma consulta multidisciplinar de Oftalmologia e tem como parceiros o Desenvolvimento, a Medicina Física e de Reabilitação, a Educação e a Intervenção Precoce. Para cada criança é elaborado um plano de intervenção individual, com atuação a nível hospitalar e na comunidade, realizando-se assim uma abordagem abrangente. Os autores apresentam casos clínicos de diversos programas de reabilitação instituídos.

Titulo: Causas de baixa visão no ambulatório de estimulação visual em serviço universitário de referência no Brazil

Autores: Anita Zimmermann; Keila Miriam Monteiro de Carvalho; Rodrigo Pessoa Cavalcanti Lira; Priscila Batista Martins; Solange Estrada Padovani;

Nota biográfica: Pedagoga pela Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Brasil. Mestre em Educação e Doutoranda em Ciências Médicas/UNICAMP. Responsável pelo Ambulatório de Estimulação Visual Infantil no Hospital de Clínicas/UNICAMP.

Email: anitasdz@gmail.com

Palavras-chave: Crianças; Visão Funcional; Causas de Baixa Visão na Infância

[CL4] TP5: REABILITAÇÃO VISUAL NA CRIANÇA, 17/Mar, 9:00 - 12:30

Resumo

Objetivo: O objetivo deste estudo foi conhecer as causas de baixa visão entre os pacientes pediátricos que utilizaram o serviço de Estimulação Visual, da Universidade Estadual de Campinas, Brazil, no período de janeiro de 2000 a dezembro de 2010. Metodologia: Pesquisa

retrospectiva em prontuário médico. Como critério de inclusão, considerou-se todos os pacientes encaminhados ao ambulatório de estimulação visual, após avaliação oftalmológica e com utilização do melhor recurso óptico, com idades de admissão entre zero e doze anos no período de 2000-2010. Resultados: Foram atendidos 604 pacientes que correspondiam aos critérios de inclusão. A idade média foi de três anos e quatro meses. Constaram de 337 (55,79%) pacientes do gênero masculino e 267 (44,20%) do gênero feminino. Etiologias: Retinopatia da Prematuridade, Lesões Neurológicas, Catarata Infantil, Estrabismo, Toxoplasmose Congênita, Alta Miopia, Microftalmia, Ptose Ocular, Glaucoma Congênito, Colobomas, Ceratopatias, Albinismo Ocular, Ambliopia, Nistagmo Congênito, Retinoblastoma, Amaurose Congênita de Leber, Acidentes Domésticos, Afogamento, Acidentes com Animais, Anomalia de Peters, Hipermetropia Severa, Maus Tratos, Aniridia, Daltonismo e Toxocaríase. Conclusão: As causas mais frequentes de baixa visão em pacientes menores de doze anos de idade foram Retinopatia da Prematuridade, Lesões Neurológicas e Catarata Infantil.

Titulo: Educadores e Intencionalidade Educativa nas atividades promotoras de competências visuais

Autores: Isabel Maria Fonseca de Almeida; Leonor Moniz Pereira;

Nota biográfica: Educadora de Infância desde 1987. Foi educadora de uma criança cega(1994) e de outras com baixa visão associada a patologias diversas em(2004).Integrou a equipa pedagógica multidisciplinar da Escola de Ensino Especial ADAPECIL(2006). Concluiu Mestrado em Reabilitação Visual em 2009 (FMH/FCM).

Email: imariaalm1@sapo.pt

Palavras-chave: Crianças; Leitura; Educação Pré-Escolar

[CL5] TP5: REABILITAÇÃO VISUAL NA CRIANÇA, 17/Mar, 9:00 - 12:30

Resumo

A presente tese de Mestrado em Reabilitação, na especialidade de deficiência visual, de 2009, intitulada " Caracterização das atividades pedagógicas promotoras do desenvolvimento das competências visuais que influenciam a iniciação à leitura e escrita", visa a contribuição para o enriquecimento da organização curricular da Educação Pré-Escolar e baseia-se num estudo de natureza estatística descritiva, desenvolvido junto de uma amostra de vinte e três Educadores de Infância, dos Jardins de Infância do Concelho de Lourinhã, através da aplicação de um questionário, que procura caracterizar as atividades promotoras de competências visuais, quanto ao grau de importância e de frequência, no que constituem os pré requisitos para a leitura e a escrita. Os resultados sugeriram, a necessidade de uma maior sistematização dessas atividades. Os resultados demonstraram um número significativo de atividades desenvolvidas, neste âmbito, pelos educadores de infância, havendo no entanto aspetos considerados lógicos por autores, como a Barraga e a Chapman, que não são geralmente considerados. A ênfase das conclusões é colocada, na necessidade em alargar o leque de atividades promotoras dos pré-requisitos para a iniciação à leitura e escrita, e às atividades previstas nos Programas Educativos Individuais, para crianças com baixa visão, através da articulação com o docente de educação especial, de forma a que a sua intervenção especializada envolva todos os aspetos considerados fundamentais no treino de visão destas crianças. Os dados obtidos no presente estudo parecem reforçar a tese de que a sistematização das atividades é imprescindível na intencionalidade do Ação educativa.

Titulo: Ler com os dedos o ensino do Braille nas escolas de referência para alunos cegos e com baixa visão

Autores: Maria João de Oliveira Lopes dos Santos Costa;

Nota biográfica: Docente da Educação Especial da Escola Secundária de Emídio Navarro-Viseu

Email: mariajoaoscosta@sapo.pt

Palavras-chave: Serviços; Leitura; Cegueira

[CL6] TP5: REABILITAÇÃO VISUAL NA CRIANÇA, 17/Mar, 9:00 - 12:30

Resumo

O atendimento educativo e mais especificamente o processo de ensino/aprendizagem do Braille como meio preferencial de acesso ao currículo pelos alunos cegos apoiados pelos docentes colocados nas escolas de referência para alunos cegos e com baixa visão, assume no contexto da escola inclusiva um papel relevante. Nos últimos anos, desde a publicação do Decreto-Lei 3/2008, assistiu-se a uma reestruturação das modalidades de atendimento para estes alunos, exigindo mudanças substantivas nos ambientes educacionais e nas posturas dos agentes intervenientes no processo. Este trabalho tem como objetivo geral verificar como se processa o ensino/aprendizagem do Braille nas escolas de referência, à luz das assimetrias existentes no que concerne à configuração e às condições humanas e materiais subjacentes aos apoios prestados a esses alunos. A abordagem metodológica intentada foi a quantitativa, recorrendo-se à utilização de um questionário aplicado à população em estudo, englobando na totalidade quarenta e um docentes da educação especial do grupo 930 a lecionar nas escolas de referência implantadas nas quatro Direções Regionais. Posteriormente, os resultados foram analisados através dos métodos de estatística descritiva, concluindo-se que, em questões gerais como a inclusão, as competências dos docentes para o ensino do Braille, a formação ou a motivação dos alunos cegos para o Braille, não se verificam discrepâncias nos resultados. Os resultados evidenciam ainda que os apoios nas escolas de referência estão a funcionar de forma substancialmente díspar, sendo que as lacunas em equipamentos e materiais apontadas também não são homogêneas e uniformes em todas as escolas, pertencentes ao mesmo sistema de ensino e regendo-se pelos mesmos normativos. Não encontramos em Portugal estudos recentes nesta temática, pelo que consideramos que o nosso estudo pode servir de instrumento significativo para identificar os problemas e constrangimentos, contribuindo assim para o desenvolvimento de futuras (e desejáveis) intervenções neste âmbito, bem como para o sucesso da consolidação do processo de inclusão para estes e outros alunos com Necessidades Educativas Especiais.

Titulo: Como a intervenção especializada previne o insucesso escolar. Intervenção pedagógica: Caso clínico.

Autores: Maria Ivone Coutinho Pina; Sarah Vieira da Silva;

Nota biográfica: Professora licenciada em Ciências de Educação especializada em Baixa Visão e Surdez Membro fundador de uma Associação dedicada ao apoio e orientação de pessoas portadoras de doenças oculares que provocam baixa visão e cegueira. Atualmente desempenha funções no CED.

Email: mivonep@gmail.com

Palavras-chave: Crianças; Depressão; -

[CL7] TP5: REABILITAÇÃO VISUAL NA CRIANÇA, 17/Mar, 9:00 - 12:30

Resumo

A intervenção de profissionais de uma equipa Multidisciplinar é importante na atuação junto aos portadores de Baixa Visão. Apresentamos um caso clínico de uma criança em idade escolar portadora de Baixa Visão, encaminhada por Oftalmologista Pediátrico para intervenção pedagógica, a fim de se desenvolver apoio escolar diferenciado e de se avaliar sistemas de otimização do desempenho visual. Após a elaboração de atividades gerais, pedagógicas de alfabetização e o uso de estratégias especializadas, a criança foi transferida de uma escola especial (para cegos) para uma escola de ensino regular, e conseguiu ser alfabetizada. Este caso faz-nos refletir sobre as dificuldades apresentadas pela criança e família quanto à má articulação dos sistemas de saúde, o atraso para o início da intervenção/estimulação visual essencial e pedagógica, além da ideia concebida sobre os recursos/benefícios de uma escola especializada (para cegos) nos casos de portadores de Baixa Visão.

Titulo: Escola Inclusiva: aluno de baixa visão

Autores: Sandra Maria Bessa Moreira; António Manuel Gonçalves Baptista;

Nota biográfica: Licenciada em ensino de Biologia e Geologia, pela UM. Prof.^a desde 93/94. Leciona na EB/S Vieira de Araújo. É aluna do Mestrado em Ciências - Formação Contínua de Professores. Considera a inclusão de jovens com necessidades educativas especiais, nomeadamente os de “baixa visão”, um desafio.

Email: sandrabessamoreira@gmail.com

Palavras-chave: Jovens; -; Baixa Visão

[CL8] TP5: REABILITAÇÃO VISUAL NA CRIANÇA, 17/Mar, 9:00 - 12:30

Resumo

Objetivos: pretende-se evidenciar as principais dificuldades e estratégias implementadas para integrar uma aluna, com baixa visão, no ensino secundário. **Métodos:** apresentação das principais dificuldades e estratégias adotadas por uma professora do grupo disciplinar de Biologia e Geologia para promover o sucesso escolar de uma aluna do 11º ano (case study), com baixa visão provocada por distrofia dos cones. Serão abordadas as singularidades encontradas nesta aluna, entre a singularidade que é cada indivíduo, em contexto de sala de aula. Serão avaliados o espaço físico da Escola, das salas de aula e o apoio disponibilizado pelos normativos em vigor e pela Escola. **Resultados:** a aluna está integrada na turma, na escola e tem sucesso escolar. **Discussão:** na Escola há alguns obstáculos arquitetónicos, nomeadamente, a disposição dos blocos de aulas e disposição solar das salas. No equipamento de apoio pedagógico os quadros são demasiado brilhantes, comprometendo as apresentações multimédia. O docente deve ter em atenção aspetos como: canetas pretas para escrever nos quadros brancos; ampliar adequadamente os documentos escritos; privilegiar o elevado contraste em detrimento do que é esteticamente mais atrativo, nos multimédia; apoio individualizado nas atividades laboratoriais de observação microscópica. A problemática desta aluna acarreta problemas do foro emocional. Revela humor inconstante, alguma relutância em trabalhar em grupo e em utilizar, por exemplo, o estirador portátil e os óculos escuros. As medidas previstas no Decreto-Lei n.º 3/2008, de 7 de Janeiro, demonstram-se adequadas neste caso concreto. **Conclusões:** A aluna consegue ultrapassar as limitações impostas pela sua deficiência visual não sendo estas determinantes no seu sucesso escolar, com o apoio de uma equipa que inclui a família, o conselho de turma, a professora de Ensino Especial, a psicóloga e médicos.

Titulo: Acessibilidade do Ensino Superior (ES) em Portugal a estudantes com deficiência visual DV

Autores: Cristina Espadinha; Leonor Moniz Pereira;

Nota biográfica: Iniciou o seu percurso científico ligado a projetos de investigação sobre tecnologias e educação especial, atualmente é docente da FMH em vários cursos incluído o mestrado de Reabilitação na Especialidade de DV. Fez o seu doutoramento sobre o atendimento a estudantes universitários com DV

Email: cespadinha@fmh.utl.pt

Palavras-chave: Adultos; Leitura; Acessibilidade; Estudantes universitários; Braille

[CL9] TP6: REABILITAÇÃO VISUAL NO ADULTO, 17/Mar, 14:00 - 15:45

Resumo

O objetivo deste estudo é caracterizar os estudantes universitários com DV. Não foi identificada na literatura nenhum estudo com este propósito, assim foi criado um instrumento com base em alguns dos estudos internacionais que abordam esta temática, para identificar as barreiras e facilitadores na perspetiva dos alunos, ou seja a caracterização do acesso ao currículo. Foi construída, validada e aplicada, telefonicamente, uma entrevista estruturada com perguntas para caracterizar os estudantes, o seu percurso académico, a identificação dos serviços de apoio, as motivações e escolhas dos cursos, as dificuldades nas aulas e no estudo, e que constituíram as 15 categorias usadas no tratamento estatístico de associação, de correlação e de regressão. Foram entrevistados 100 indivíduos (24 estudantes): 70 cegos e 30 com baixa visão. As características individuais que mais influenciaram as respostas dos entrevistados foram: estar no ES; a idade; ter uma rede de apoio formal no ES, o género ou o grau de DV. No momento da escolha dos cursos, as pessoas com DV têm em atenção os seus interesses, motivações, e perspetivas de evolução profissional. A tendência de escolha atual dos alunos é a área das ciências sociais e do comportamento (psicologia, jornalismo e informação). Quanto às dificuldades que os alunos mais vivenciaram durante as aulas foram as situações de ouvir as explicações do professor e realizar uma tarefa, utilizar um equipamento ou software e, logo em seguida conseguem segui-las. Relativamente à avaliação as 3 adaptações mais escolhidas foram: responder com a própria tecnologia de apoio, ter mais tempo e em conteúdos específicos ter provas de avaliação alternativas. As ajudas óticas em contexto de sala de aula surgiram associadas a problemas de aproveitamento académico na universidade. Foi encontrada uma tendência de diminuição da utilização do braille em formato papel em detrimento dos meios informatizados e o declínio da utilização dos meios braille em detrimento dos interfaces áudio. O centro de produção de material e a existência de postos de trabalhos adaptados foram os serviços mais valorizados pelos participantes para o sucesso académico. As Universidades têm de espelhar a sociedade e os seus valores, ou seja, devem acolher e formar profissionais de diferentes origens culturais, socioeconómicas e com perfis de aprendizagem diversos. Se prepararem respostas para as necessidades resultantes dos diferentes tipos de alunos, acabam por diversificar os seus recursos pedagógicos e didáticos. Neste sentido, o apoio aos DV pode ajudar as instituições a tornarem-se realmente inclusivas e adequarem as suas práticas aos seus alunos e às necessidades da sociedade. A presença de estudantes com DV no ES, coloca desafios às instituições e aos seus docentes que ainda não foram totalmente superados, apesar da maioria dos alunos conseguir concluir os seus estudos e até repetir a experiência com outras formações, como foi constatado por esta investigação.

Titulo: Lentes de Contacto em baixa visão

Autores: Luis Vieira; António Filipe Macedo;

Nota biográfica: Licenciado em Física Aplicada – Optometria, pela UBI em 2000. Desde 2002 e após frequentar o curso teórico-prático de acompanhamento de pacientes com Baixa Visão, no IOBA- Instituto de Oftalmologia e Baixa Visão, em Valladolid, iniciei na ARP – Associação de Retinopatia de Portugal, acompanhamento de pacientes com Baixa Visão, função que mantive até 2010. Completei em 2007 o Master em Optometria Clínica Avançada pela Universidade

Europea de Madrid, tendo no ano seguinte assumido funções de docente nesta pós-graduação. Ainda em 2007 iniciei, como co-fundador, o projeto OcularEyeCare (www.oculareyecare.pt). Com esta equipa desenvolvi projetos de formação de profissionais em Portugal, Espanha, Angola e Moçambique.

Email: luis.vieira@oculareyecare.pt

Palavras chave: Adultos; Visão Funcional; -

[CL10] TP6: REABILITAÇÃO VISUAL NO ADULTO, 17/Mar, 14:00 - 15:45

Resumo

São muitos os casos de baixa visão relacionados com elevados erros refrativos ou limitações de campo visual. Independentemente da sua etiologia o objetivo de um exame de baixa visão é acima de tudo restituir a autonomia. Nesse sentido torna-se desde logo necessário a inclusão de todas as possibilidades terapêuticas, sejam óticas ou funcionais. Neste trabalho serão apresentados casos de adaptação de lentes de contacto em pacientes com baixa visão. Destacam-se os seguintes casos: paciente afáquico após cirurgia de catarata congénita, paciente com miopia patológica, paciente com extensa irregularidade corneal pós-cirurgia refrativa. Serão apresentados dados relativos à escolha da lente, tais como: o material de composição, geometria e tipo de utilização. Serão debatidas as estratégias desenvolvidas em conjunto com o paciente para o manuseamento do dispositivo. Os resultados destas adaptações mostram que a utilização de lentes de contacto permite nalguns casos um aumento na quantidade e na qualidade da visão. Para além disso as lentes de contacto podem ser mais facilmente complementada com o uso de outro tipo de ajudas óticas, tais como: filtros solares, altas adições, telescópios e/ou lupas do que óculos convencionais. No dia-a-dia profissional, vertente que não pode nem deve ser esquecida durante a avaliação global do paciente com baixa visão, a lente de contacto permite, maior flexibilidade nas tarefas e trabalhos diários e melhora a aceitação social conduzindo a um aumento da confiança e autoestima do paciente. Em conclusão, a adaptação de lentes de contacto em casos de baixa visão deve ser sempre discutida com os pacientes. Em muitos casos o benefício é substancial, no entanto é necessário que os intervenientes desenvolvam algumas estratégias que saem fora dos casos rotineiros de adaptação de lentes de contacto.

Titulo: Caracterização da direcção do olhar em adultos com visão binocular normal em condições de binocularidade e monocularidade

Autores: Manuel Oliveira; Leonor Moniz Pereira;

Nota biográfica: Professor Adjunto, Coordenador da Área Científica de Ortóptica

Email: manuel.oliveira@estesl.ipl.pt

Palavras chave: Adultos; Visão Funcional; Direcção do olhar; Movimentos oculares

[CL11] TP6: REABILITAÇÃO VISUAL NO ADULTO, 17/Mar, 14:00 - 15:45

Resumo

O facto de possuímos dois olhos dá-nos a possibilidade de usufruir de certos atributos especiais, relativamente a uma situação de monocularidade. Assim, a qualidade do que observamos com os dois olhos em simultâneo, é muito superior relativamente à visão monocular. A binocularidade dá-nos então, uma percepção mais rica e mais pormenorizada do mundo que nos rodeia, facto que se veio a revelar como uma vantagem selectiva devido ao alargamento do campo visual e à visão estereoscópica. Apesar de cada um dos olhos ver o mesmo objecto de modo ligeiramente diferente, o homem observa o mundo de forma única, isto graças à Visão Binocular. A análise dos movimentos oculares é fundamental para a caracterização da direcção do olhar e tem por base a linha de pesquisa no presente estudo. Pretendemos assim, investigar se existem diferenças significativas na direcção do olhar em indivíduos adultos com visão binocular normal, em condições de binocularidade e monocularidade, relativamente à fixação e à perseguição de um alvo. Utilizamos para esse efeito uma amostra composta por 24 adultos jovens. Os resultados encontrados sugerem o facto de que, o desempenho de uma tarefa habitual, produz diferenças significativas na qualidade das estratégias de fixação e de sacada, quando se passa da visão binocular para a monocular, através da oclusão de um olho.

Titulo: Direcção do olhar em indivíduos com e sem insuficiência de convergência

Autores: Luís Mendanha; Leonor Moniz Pereira;

Nota biográfica: Ortopista, director do Curso de Licenciatura em Ortóptica da Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Lisboa. Mestre em Reabilitação na especialidade de Deficiência Visual pela Faculdade Motricidade Humana. Doutorando em Motricidade Humana na especialidade de Reabilitação da FMH

Email: luis.mendanha@estesl.ipl.pt

Palavras chave: Adultos; Visão Funcional; Insuficiência de convergência; Eyetracker

[CL12] TP6: REABILITAÇÃO VISUAL NO ADULTO, 17/Mar, 14:00 - 15:45

Resumo

A eficácia do nosso sistema visual influencia o modo como recolhemos e processamos a informação. Uma visão ineficiente pode provocar uma menor capacidade no desempenho de algumas tarefas. Uma das situações mais comuns, onde isso se verifica é a insuficiência de convergência. Assim, pretendemos investigar a existência de diferenças significativas, durante a fixação e perseguição de um alvo, em indivíduos com e sem insuficiência de convergência. Utilizamos uma amostra composta por adultos jovens, distribuídos por dois grupos, um formado

por indivíduos com visão binocular normal e outro por indivíduos com insuficiência de convergência, ambos com 26 participantes. Os resultados obtidos apontam para uma perda de qualidade relativamente à fixação e perseguição visual, nos indivíduos com insuficiência de convergência e parecem sugerir também uma maior estabilidade da fixação e um movimento sacádico mais preciso nos indivíduos com visão binocular normal. Deste modo, a correção da insuficiência de convergência é fundamental para a existência de um conforto visual adequado de modo a permitir um normal desempenho nas diferentes atividades diárias, evitando-se assim, repercussões negativas na qualidade de vida dos indivíduos.

Titulo: Conversa/debate com representantes envolvidos nas áreas de legislação, acessibilidades, desporto, investigação de novos equipamentos e qualidade de vida , relacionados com a deficiência visual

Autores: José Luís Dória;

Nota biográfica: Médico Oftalmologista, classificador funcional do Comitê Paralímpico Internacional.

Email: jldoria@netcabo.pt

Palavras chave: Multidisciplinaridade; Reabilitação;

[*] TP7: TÓPICOS TRANSVERSAIS: MESA REDONDA, 17/Mar, 16:00 - 18:30

Resumo

Percorrendo temas transversais às áreas da reabilitação e integração do deficiente visual – os aspectos legais, as barreiras e acessibilidades, a investigação em engenharia de reabilitação e a prática do desporto adaptado à deficiência visual - a mesa redonda estimulará o diálogo e o debate com a assistência, por forma a aclarar ideias e estruturar iniciativas cujos fins sejam a melhoria da qualidade de vida do deficiente visual. Servirá igualmente para dar a conhecer melhor as várias associações que actuam nas diferentes áreas de apoio ao deficiente visual, cujos representantes estão convidados para o debate. Sendo a última sessão do Congresso, desta forma integrada e conjunta recolhem-se as conclusões do evento e traçam-se ainda os objectivos prioritários para as futuras reuniões.